

A AULA DE PORTUGUÊS

Salvato Trigo
Universidade do Porto

Hoje, mais do que outrora, os encarregados de educação, os pais, os próprios colegas que ensinam outras matérias, têm os olhos postos criticamente nos professores de Português, assacando-lhes responsabilidades pela tão propalada degradação da Língua e pela evidente crise do sistema educativo, em geral. Ser-se professor de língua materna é, por via disso, uma tarefa muito difícil e, quantas vezes, mal compreendida. No entanto, as responsabilidades que erradamente lhes imputam e as incompreensões de que são alvo permitem-lhes concluir que não deixa de ser um sinal positivo o facto de lhes ser prestada tanta atenção crítica, porque isso equivale a um reconhecimento do seu papel essencial na formação escolar dos cidadãos. Encargo tão pesado quão gratificante do ponto de vista moral, já que, materialmente, a função docente não é motivadora de uma dedicação exclusiva e empenhada.

Com efeito, não estamos mais em tempos de acreditar em Jean-Jacques Rousseau que escrevia no seu *Emile*: "Há profissões tão nobres que não podemos fazê-las por dinheiro sem nos mostrarmos indignos de exercê-las. Tal é a do homem de guerra, tal é a do professor." Muito menos romântico do que Rousseau foi o nosso Camilo que, n'*A queda dum Anjo*, fez Calisto Elói proclamar no Parlamento: "Eu tenho o desgosto de ter nascido num país em que o mestre-escola ganha cento e noventa réis por dia e as cantarinas, segundo me dizem, ganham trinta e quarenta moedas por noite." Como é triste que Camilo continue, ainda agora, a ter razão!...

Não se estranhe que num encontro em que trataremos mais de questões científicas e pedagógico-didáticas eu tenha começado por aflorar problemas de natureza económica relativos à função docente. É que tenho para mim que, sem um estatuto sócio-económico digno, o estatuto profissional é prejudicado, pois não é possível exigir competência, quando não se fornecem alguns dos meios para adquiri-la. Um professor, sobretudo

da área das Ciências Humanas, tem de dispensar quantias avultadas em bibliografia, se quiser andar actualizado e acompanhar as teorias de ponta das matérias por que se interessa e que tem de ensinar. Está bom de ver que essa actualização não pode fazer-se com o sacrifício de uma vida digna que deve exigir-se de um professor.

Mas deixemos estas considerações genéricas de cariz sócio-económico, que caberiam melhor num encontro onde se pretendesse discutir o estatuto profissional do professor, e regressemos ao caso específico da função do professor de Português.

Ninguém duvida de que é bem mais difícil ser professor de Português, hoje, do que o era há duas décadas, por exemplo. Na verdade, o professor de Português de há vinte anos atrás, além de estar integrado por um sistema de ensino mais rígido e mais simplificado do que diz respeito a metodologias e a objectivos programáticos, não tinha que enfrentar a concorrência terrível, e quantas vezes desleal, porque incorrecta, dos meios de comunicação social sofisticados que, no nosso tempo, exercem uma extraordinária função apelativa nos nossos adolescentes. De facto, é devido à influência dos *mass media* e das linguagens visuais que os nossos jovens se interessam mais pelos problemas da actualidade e do seu quotidiano (político, social, desportivo, musical, etc.) do que pelas épocas passadas ou pelos fenómenos literários contemporâneos que, podendo ser embora do seu tempo, representam, muitas vezes, visões demasiado adultas do mundo.

Os *mass media* vieram, como se sabe, criar uma nova dinâmica cultural, substituindo a *tradição* pela *revolução*, isto é, desligando o homem moderno das suas raízes históricas e do seu mundo tradicional e nacional, para fazerem dele um cidadão do mundo, consumidor de informação cultural quotidianista que, muitas vezes, nada tem a ver com as suas matrizes. Assim, a cultura, que no passado trazia sempre marcas particulares dum povo, individualizando-o caracterizando-o, universaliza-se e torna-se eminentemente sensorialista, o que redundará na sua fugacidade, consequência da enfermidade da imagem. Está aqui, certamente, uma das razões para a queixa legítima, que todos nós, professores, fazemos, da falta de cultura dos nossos estudantes. Está aí, sem dúvida, o motivo para a recusa quase colectiva do ensino da língua materna em moldes tradicionais, a partir preferencialmente do texto literário. É que a repetição de esquemas d'escursivos e didácticos afastados da experiência cultural dos alunos, além de enfadonha, aparece-lhes como inútil. Quererá isto dizer que o professor de Português deve

abdicar do uso do texto literário, em aula, a favor dos textos dos *mass media*, em nome da maior facilidade lingüística e do interesse despertado no aluno pelo conteúdo do material proposto? De modo algum; a fundamentação desta escolha é enganadora. Ela, a escolha, só é justificável do ponto de vista funcional, isto é, da utilidade de transpor para a aula a língua na situação em que melhor a conhecemos e usamos. Isto não é, porém, suficiente para explicar a renúncia ao estudo do texto literário.

Não devemos, de facto, renunciar ao estudo do texto literário na aula de Português. Primeiro, porque ele nos permite surpreender a língua usada a diversos níveis, realizando uma concentração de significações e acrescentando à informação uma série de elementos que desembocam na criatividade da linguagem em todas as suas virtualidades. O mesmo é dizer que o texto literário possibilita-nos apresentar ao estudante a língua numa dupla função: a de instrumento de comunicação referencial e a de meio de criação estética. Segundo, porque o texto literário é, ao mesmo tempo, uma forma particular de conhecimento da realidade e um testemunho que consegue fazer reviver, fazendo apelo à criatividade do leitor, aspectos da experiência do passado inapreendido por outros meios. Terceiro, o texto literário faz falta ao professor de Português para criar no aluno o gosto pela verbalização estética do mundo, isto é, para ele verter na língua a sua fantasia, as suas emoções, enfim, a sua existência. O texto literário pode, pois, ajudar o aluno a alimentar espiritualmente a sua imaginação tão reprimida pela materialidade das linguagens cibernéticas de que ele vive rodeado.

Seria dispiciendo demorar-me aqui a lembrar o papel do imaginário no desenvolvimento intelectual e afectivo dum ser humano, quando todos o conhecemos sobejamente. Ora, se o texto literário, sobretudo o dirigido à faixa etária dos alunos do ensino básico, é um espaço onde o imaginário se apresenta metamorfoseado em várias linguagens, aí temos mais uma razão para o utilizarmos na aula de língua materna, sem perdermos, todavia, de vista que é necessário seleccionar os textos em função da sua adequação ao processo evolutivo do aluno. Quer isto dizer que, na fase imaginária do "faz-de-conta", o texto há-de acompanhar essa fantasia, competindo, entretanto, ao professor verificar o momento em que os seus alunos passam para a fase do verossímil, a fim de escolher textos apropriados a essa nova visão do mundo.

A questão central do texto na aula de Português é, como se vê, a da sua escolha. O problema real é o da justificação

dessa escolha. Uma justificação possível poderia basear-se nos seguintes critérios:

- 1 — o nível linguístico dos alunos e os fins a atingir (p. ex., enriquecimento do uso activo e passivo da língua)
- 2 — elementos culturais já adquiridos pelos alunos e sobretudo para os textos do passado, conhecimentos históricos necessários para a compreensão das referências dos textos (interdisciplinaridade)
- 3 — necessidade de fornecer instrumentos permitindo aprofundar a análise da linguagem (neste caso, da linguagem literária e poética) ao lado da linguagem científica, da do jornal, da do texto escolar, etc.
- 4 — interesse manifestado pelos alunos a propósito de certos problemas.

A escolha dum texto para trabalhar em aula não acontece por ser eventualmente dum "grande" autor, mas porque esse texto é um elemento importante do quadro cultural e formativo que nós queremos realizar com os alunos. O interesse dos alunos pelo texto parte naturalmente, primeiro, do conteúdo. É preciso, portanto, ajudá-los a pôr o texto "em situação", fazendo apelo aos seus conhecimentos, sendo os textos sempre escolhidos em função do que os alunos conhecem, para acrescentar-lhes elementos novos na direcção dos objectivos que fixamos. É preferível que os textos sejam curtos, o mais significativos possível do ponto de vista dos problemas que levantam e rentáveis do ponto de vista da forma linguística.

É evidente que a necessidade de separar um extracto do seu contexto levanta o problema do carácter arbitrário desta operação. No entanto, se houver o cuidado de escolher um texto cuja leitura intensiva em aula desperte o interesse do aluno, este será certamente incentivado a uma leitura pessoal, extensiva, isto é, a procurar o original donde o extracto foi retirado.

O texto tem, sem dúvida, uma importância primordial na aula de Português, uma vez que o entusiasmo que ele despertar no aluno será proporcional ao grau de adesão à disciplina de língua materna. É por isso mesmo metodologicamente muito válida a experiência feita por alguns professores de encarre-

garem rotativamente os seus alunos de escolherem o texto para a aula seguinte de Português. É que, como diria Sebastião da Gama, exemplar professor de língua materna, os alunos é que sabem o que querem e esse processo permite apurar o que, nas antologias escolares, "vem fora de propósito". Sendo a escolha da responsabilidade do aluno, o prazer da leitura nela implícito garantiria, desde logo, um clima pedagógico-didáctico muito favorável ao empenhamento da turma na participação activa na aula. Deste modo, o ensino do Português torna-se mais atraente e transmite aos alunos a sensação de que pode estudar-se a língua nos próprios textos que eles gostam de ler, habitualmente.

É claro que, neste esquema, não seria possível ao professor vir para a aula com a lição do dia devidamente preparada, esquematizada, com um plano pré-definido em torno de objectivos programáticos (sem, todavia, saber que reacção terão os alunos perante o texto escolhido e o modo como está planificado), o que, do meu ponto de vista, seria uma enorme vantagem, porque também aqui sou por aquele metodólogo que dizia aos seus estagiários: "A lição de Português acontece". E acontece tanto mais agradável quanto o professor de Português estiver preparado científica e culturalmente para fazer da sua aula um espaço permanente de informação e de formação, um espaço de interdisciplinaridade, um espaço em que o papel preponderante da língua seja devidamente realçado, de modo que os alunos entendam que aqueles que dominam a língua, falando e escrevendo correctamente, experimentam muito menos dificuldades na vida.

O professor de Português tem de convencer-se que é o mestre da disciplina mais importante, em termos absolutos, do currículo escolar do aluno. Se o fizer, procurará a todo o tempo despertar nos estudantes o amor pela língua, condição indispensável para que a aprendam com gosto e com correção. E não esquecerá que esse amor só acontece quando há verdadeira comunicação, intelectual e afectiva, entre quem ensina e quem aprende. O professor que não consegue comunicar o que sente, antes, "a necessidade de se impor ao aluno pelo alardeamento de uma vastidão e complicação de conhecimentos com que o amachuca e que se irrita ou inventa, se necessário for, quando o aluno lhe pergunta qualquer coisa que ele não sabe", só demonstra medo e desonestidade, porque a tarefa de um professor é explicar e não complicar. O professor dos nossos dias e a escola que ele enforma têm de ficar isentos das críticas que Guerra Junqueiro fez à "Escola Portuguesa" que tomou para título do poema que permito ler-lhes e entregar-lhes para exame de consciência:

"Ela se criaças verrosilhas
Na sua hedlonda prisão:
Doirado enxame de abelhas!
O mestre-escola é o mangão.

Em duros bancos de pinho
Senta-se a turba sonora
Dos corpos feitos de armínio,
Das almas feitas d'aurora.

Soletram versos e prosas:
Horíficos; contudo, ao lê-las,
Daquelas bocas de roças
Sem murdrios de estrelas.

Contemplam de quando em quando,
E com inveja, Senhor!,
As andorinhas puzendo
Do azul no livre esplendor.

Oh, que existência doirada
Lá cima, na azul, na glória,
Sem castilhas, sem tabuada,
Sem mestre e sem palmatória!

É como os dias são longos
Nestas prisões sepulcrais!
Abram a boca os ditongos,
E as cifras tristes dão ais!

Desgraçadas toutinegras,
Que insupportáveis martírios!
João Félix co'as unhas negras,
Mostrando as vogais aos líricos!

Como querem que despoitem
Os frutos na escola aldeã,
Se o noze do mestre é — Ontem
E o discípulo — Amanhã!

Como é que hi-do na excepção
Surgir o trigo maduro,
Se é o Passado quem ensina
O b a ha no Futuro!

Entregar a um tarinheiro
Um coração infantil!
Fazer o calvo Janeiro
Preceptor do loro Abel!

Barbaridade irrisória,
Estígo do despotismo!
Meter uma palmatória
Nas mãos dum anacronismo!

A palmatória, o scotte,
A estupidez decretada!
A lei incumbindo a Noite
Da educação da Alvorada!

Gravai na vossa lembrança,
E meditati com horror,
Que o homem sai da criança,
Como o fruto sai da flor.

Da pequenina zemente,
Que a escola régia destrói,
Pode fazer-se igualmente
Ou o assassino ou o herói.

Desta escola a uma prisão
Vai um caminho agoureiro:
A escola produz o grão
De que a enxovia é o celeiro.

Deixai ver o Sol doirado
A infância, eis o que eu vos peço.
Esta escola é um atentado,
Um roubo feito ao progresso.

Vamos, arrancai a infância
Da lama deste país!
Rasgai no muro ignorância
Trententa portas de azul!

O professor astrino,
Segundo entre nós ele é,
Dum anjo extrai um cretino,
Dum cretino um chimpanzé.

Empunhando as rijas férulas
Vão esmagando e partindo
As crianças — essas pérolas
Na escola — esse almorfar.

Estão escolas!... que indecência!
Escolas, esta farenda!
São açougues de inocência,
São talhas d'anjos, mais nada!"

A violência verbal do poeta e as hipérboles a que, por vezes, recorreu compreendem-se pela intenção anti monárquica que subjaz ao poema, mas não deixam de incomodar-nos por nos trazerem uma visão da escola ainda há pouco desaparecida do nosso país e que deixou profundas sequelas na nossa mentalidade pedagógico-didáctica. Poderemos todos dizer, com convicção, que o poema de Guerra Junqueiro, que lhes li, é de facto um texto ultrapassado?

"Olho para o passado e vejo a Gramática. A Gramática, A Gramática." — exclamava o professor de Português a que há me referi — Sebastião da Gama — para acrescentar em seguida: "Eu nem sei como aprendi a gostar de ler. Talvez por uma predisposição interior, uma fatalidade. Deve ser, sim: porque

os meus colegas não liam e estou quase certo de que não lêem... Fechavam os livros, mas era por causa da Gramática. Por que é que não se ensina a Gramática, já sistematizada, senão depois de os escolares poderem já ver o que ela é e sobretudo de já gostarem das palavras? A palavra, para os gramaticómanos, é um cadáver numa mesa de anatomia; quem pode amar um cadáver? Depois da dissecação do estilo, a beleza, a música, a personalidade de cada palavra já não pode ser gostada pela criança, receosa de errar o gênero, o número, a forma da palavra que tem em frente; e receosa do oito, do sete, do seis da tabela; e receosa do ponteiro com que certos professores ensinam, impõem a gramática."

Assim nos introduzimos num dos pontos mais polémicos e mais complexos com que o professor de Português tem, hoje, de confrontar-se. Não entremos já na sua apreciação, para nos demorarmos ainda um pouco na questão da leitura aflorada no excerto citado de Sebastião da Gama onde vamos, uma vez mais, buscar outra passagem bem ilustrativa do seu profundo grau de consciência profissional:

"O que interessa mais que tudo é ensinar a ler. Ler sem que passe despercebido o mais importante — e às vezes é pormenor que parece consistir de nada. Ler, despindo cada palavra, cada frase, suscultando cada entoação de voz para perceber até ao fundo a beleza ou o tamanho do que se lê. Também de interesse primário levar os rapazes a amar as palavras — mostrar como são cheias de beleza, outras como são engraçadas, outras como são doces. Ora, para amar as palavras e para, a seguir, amar a leitura, é aconselhável, como dizia La Pallos, não fazer desamar as palavras, nem fazer desamar a leitura. Que amor terá uma criança por uma palavra que a fez amar, levar descomposturas, levar requedadas? Numa o Eugénio de Castro chegaria a encontrar cheias de beleza a palavra "Gomil", se os seus velhos mestres de Português, como soldados bêbados, lhe tivessem violentado a virgindade. Felizmente que, adormecida como a Bela do Bosque, não caiu nas garras de nenhum gramaticão que a desfibrasse e lhe chamasse de substantivo concreto (santo Deus!), que faz o plural em la e concorda em gênero e número com o adjectivo que o qualifica. Talvez os rapazes de há vinte anos estejam convencidos de que "as armas" com que Os Lusíadas começa são armas de fogo e que "os barões" são descendentes de farsa do Camilo; mas dirão tímidamente por tímido o gênero, o número, a classe das duas palavras. O que fazem a um homem depois de morto?"

A citação que acabamos de fazer levanta com pertinência e com perspicácia muitos dos problemas essenciais inerentes à aula de Português. Na verdade, ninguém duvida de que a função primordial do professor de Português é a de ensinar a ler, numa primeira fase, e a saber ler, numa segunda fase. O professor de Português é, assim, um mestre de leitura, por excelência, sendo que a leitura correcta é a condição indispensável para se saber ser e estar no mundo, sobretudo neste nosso mundo onde se nos exige a interpretação atenta dos acontecimentos para podermos sobreviver. Eu diria até, se me fosse permitido o esquematismo, que viver é ler; viver bem é saber ler. Por outras palavras, é nossa obrigação, enquanto professores de língua materna, envidarmos todos os esforços para que nenhum dos nossos alunos saia da escola sem saber ler, porque, doutro modo, ele jamais terá acesso ao direito pleno de cidadania. E não nos esqueçamos de que analfabeto é o que não sabe ler nem escrever, que é uma forma de demonstrarmos que sabemos ler, e esse, o analfabeto, todos o sabemos, não tem hipóteses de viver com dignidade no mundo atual, profundamente marcado pela comunicação verbal.

A aula de Português tem, pois, de ter uma preocupação permanente com a leitura que é condição prioritária para se fazer a análise dos textos ou das mensagens verbais cuja finalidade principal é a de desenvolver no aluno a capacidade de distinguir nelas os elementos constitutivos ao nível da estrutura linguística e semântica e de habituar o aluno ao exercício da crítica, no sentido grego de escolha entre o essencial e o accidental. A leitura, ao nível básico e secundário, deve ser preferencialmente temática, definida por nós históricos (para a cultura do passado a que o texto eventualmente se refira) e por nós problemáticos (quando se tratar de textos que se liquem à realidade contemporânea). Ler em voz alta será um bom exercício pedagógico, se feito com a intenção de dar vida ao texto. Doutro modo, se a leitura for feita em voz alta por simples hábito organizativo da aula, pode correr-se o risco de termos o aluno que lê e os outros que o "escutam" perfeitamente desatentos da compreensão do texto, que lhes parece não ser a questão mais importante.

Se prestarmos atenção aos três axiomas de leitura enunciados por Frank Smith —

- 1) só uma pequena parte da informação necessária à compreensão vem do que está efectivamente escrito;

- 2) a compreensão deve preceder o reconhecimento dos termos isolados;
- 3) ler não é transportar um texto escrito para a língua falada

—, verificaremos que a leitura em voz alta não será o método melhor para fazer o controle da compreensão, embora seja muito útil para correções articulatórias e prosódicas. Antes da leitura em voz alta, a fazer-se, dever-se-ia proporcionar ao aluno uma leitura silenciosa, para que ele possa efectivamente compreender o discurso que irá oralizar.

Aflorada a questão da leitura, poderemos, então, passar para o problema sempre polémico do ensino da gramática, na aula de Português que é exactamente o local apropriado para o fazer. Começaria por afirmar que é absolutamente necessário que os professores de Português ensinem gramática aos seus alunos, mas sem qualquer espírito, ligeiro ou profundo, de gramaticomania. O conhecimento da gramática dum língua é a base para a manipulação do seu sistema. Só que esse conhecimento não deve ser obtido independentemente de outros relativos ao sistema linguístico que a língua em situação, isto é, que o texto transporta. A gramática deve ensinar-se sempre a propósito, isto é, como um meio e não como uma finalidade, que o mesmo é dizer que a gramática deve estudar-se sempre a partir do texto, sem se cair na normatividade tão querida à gramática tradicional. Aqui damos razão ao francês Henri Mitterand, quando escreve: "A gramática **normativa**, a que ensina exclusivamente o código do bom uso, não tem com o estudo dos mecanismos profundos e diversos da linguagem e da língua muito mais relações do que as que têm o código da estrada com a mecânica automóvel."

Todos estaremos de acordo em que é preciso ensinar gramática, a qual é um meio excelente para organizar as idéias aos alunos e interiorizar-lhes o sentido e a preocupação pelo rigor. O problema que hoje se depara ao professor de Português não é o de ensinar ou não ensinar gramática, mas, sim, o de saber que gramática ensinar. Eu poderia já responder, sem mais delongas, que o professor de Português deve escolher, dos vários modelos gramaticais, aquele que considerar mais simples e mais adequado às necessidades dos alunos. A gramática tem de ser simples para poder ser devidamente compreendida pelos alunos que, ultimamente, têm andado perdidos, navegando (alguns em seco) nas águas conturbadas de modelos gramaticais que estão francamente fora da compreensão dos

nossos alunos do básico e do secundário que, todavia, deles pouco mais utilizam que a nomenclatura, tantas vezes distorcida em virtude da irreflexão, no sentido próprio do termo, com que a decoram. Com efeito, quis passar-se demasiado depressa das aporias da gramática tradicional para uma gramática moderna onde o reino da metalinguagem é bastante confuso e difuso. Apreciemos e reflitamos a este propósito no poema saboroso do poeta brasileiro Carlos Drummond de Andrade intitulado "Exorcismo":

Da leitura sintagmática
Da leitura paradigmática do enunciado
Da linguagem fática
Da fatividade e da não fatividade na oração principal
Libera nos Domine

Da organização categorial da língua
Da principalidade da língua no conjunto dos sistemas semiológicos
Da concretes das unidades no estatuto que dialetaliza a língua
Da ortolinguagem
Libera nos Domine

Do programa epistemológico da obra
Do corte epistemológico e do corte dialógico
Do substrato acético do culminador
Dos sistemas genitivamente afins
Libera nos Domine

Da camada imagética
Do espaço heterotópico
Das relações entre topos e macrotopos
Do elemento supra segmental
Libera nos Domine

Da semia
Do sema, do semema, do semantema
Do lexema
Do clonema, do mema, sentema
Libera nos Domine

Da estruturação semémica
Do idiólogo e da pancronia científica
Da confiabilidade dos testes psicolinguísticos
Da análise computacional da estruturação silábica dos falares regionais
Libera nos Domine

Do vocálio

Do vocálio nasal puro e sem fechamento consonantal

Do vocálio baixo e do semivocálio homográfico

Do glide vocálico

Libera nos Domine

Da linguística, frástica e transfrástica

Do signo cênico, do signo icónico e do signo gestual

Da utilização proconantal obrigatória

Da glossemática

Libera nos Domine

Da estrutura exo-semiótica da linguagem musical

Da totalidade sincrética do emissor

Da linguística gerativo-transformacional

Do movimento transformacionalista

Libera nos Domine

Das aparições de Chomsky, de Meilier, de Perelman

De Saussure, Cassirer, Troubetzkov, Althusser,

De Zolotarevski, Jakobson, Barthes, Derrida, Todorov

De Greimas, Pödor, Chao, Lacan et cetera

Libera nos Domine

A paródia de Drummond de Andrade é bem ilustrativa da confusão e da difusão da moderna metalinguagem gramatical que nas nossas escolas tem, infelizmente, curso livre, contribuindo grandemente para o vazio cultural com que se entra nas Faculdades ou com que se sai para a vida, pois que a aprendizagem activa da língua governa o desenvolvimento da Cultura.

Que se ensine gramática aplicada no texto dum forma acessível à compreensão dos alunos, a fim de que eles possam entender melhor o processo de comunicação e o funcionamento, intelectual e afectivo, desse instrumento poderoso que é a língua. Ensinar gramática é, no fundo, ensinar a ler e a escrever correctamente, o que será sinónimo de pensar correctamente que significa, por sua vez, dominar o meio em que se está inserido. É por isso que o professor de língua além de ser um educador no sentido mais amplo, é também um técnico em comunicação.

Antes de terminar, deixaria aqui uma proposta de actividade para a aula de Português que, quanto a mim, deveria preocupar-se fundamentalmente com: (a) ampliação do vocabulário dos alunos; (b) conhecimento e classificação das palavras (nomes, qualidades, acções); (c) precisão da linguagem; (d) pro-

dução correcta de frases; (e) alargamento do campo de conhecimento dos alunos; (f) elaboração e composição de textos. Se estes objectivos puderem ser cumpridos na aula de língua materna, não haverá mais razão para a interrogação patética de Guerra Junqueiro no poema "Falam as escolas em ruínas" com que encerro a minha intervenção:

" A alma da infância é um passarinho;

Correja o ninho e a escola chora;

No infância sai a noite; e o ninho

Tem sobre as plúmeas d'arminho

A aurora.

A alma da infância é flor mimosa;

A escola é triste e a flor vermelha;

Na escola para a o'ruja odiosa,

E sobre o cálice da rosa

A abelha.

Tu fazes, Pátria, as almas cegas,

Prendendo a infância num covil.

Ases não cantam nas adegas;

Se a infância é flor, porque lhe negas

Abril !!"

GAIA, 29.01.84

JORNADAS DE LITERATURA